

## ESCOLA, TECNOLOGIAS E IDENTIDADE JOVEM

Sérgio Luiz Alves da Rocha<sup>1</sup>  
Patrícia Oliveira de Freitas<sup>2</sup>

### Resumo

Apresentamos algumas reflexões sobre as relações entre juventude(s), escola(s) e tecnologia(s) desenvolvidas em pesquisas quali-quantitativas de caráter exploratório, realizadas em uma escola de ensino médio da rede pública, desde 2019, na Cidade do Rio de Janeiro. Na primeira pesquisa nosso objetivo foi o de entender de que modo os estudantes se relacionavam com os materiais educacionais disponíveis em plataformas online. Mapeamos os canais acessados, a natureza das aulas e as motivações dos estudantes para este acesso. Com o advento da pandemia nosso objetivo passou a ser pesquisar os efeitos do ensino remoto no cotidiano desses jovens. Nos grupos focais online foram enumerados uma série de fatores que impactaram a rotina familiar e escolar, a saúde mental e se refletiram na própria identidade juvenil, constituída por seu papel de estudante. As duas pesquisas apontam para a importância e a centralidade da escola na definição dos modos de ser jovem.

**Palavras-chave:** Juventudes. Escolas. Tecnologias. Pandemia

### Abstract

We present some reflections on the relationships between youth(s), school(s) and technology(s) developed in qualitative and quantitative research of an exploratory nature, carried out in a public high school, since 2019, in the city of Rio de Janeiro. In the first research, our objective was to understand how students related to the educational materials available on online platforms. We map the channels accessed, the nature of the material and the students' motivations for this access. With the advent of the pandemic, our objective became to research the effects of remote teaching on the daily lives of these young people. In the online focus groups, a series of factors were listed that impacted family and school routine, mental health and were reflected in the youth's own identity, constituted by their role as a student. Both studies point to the importance and centrality of school in defining ways of being young.

**Keywords:** Youths. Schools. Technologies. Pandemic

## INTRODUÇÃO

Vivendo no primeiro quarto do século XXI, já possuímos uma perspectiva mais alongada para refletir sobre as mudanças desencadeadas a partir dos avanços da microinformática e do surgimento da WWW, ainda que, na atualidade, a presença da Inteligência Artificial nos proponha novas reflexões e desafios. Neste processo, o que mais se destaca é a velocidade com que as mudanças vêm ocorrendo. Nos últimos anos assistimos a um conjunto de modificações que alteraram de modo significativo a nossa relação com o espaço, com o tempo, nossas formas de relacionamento, modalidades de trabalho, as formas de aquisição do conhecimento entre outros aspectos.

<sup>1</sup> Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, Professor. Dr. em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd/UERJ. Professor EBTT do IFRJ. [sergio.rocha@ifrj.edu.br](mailto:sergio.rocha@ifrj.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0832-3026>.

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Professora. Dra. em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora Associada na UFRRJ. [pfreitas@ufrj.br](mailto:pfreitas@ufrj.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4309-2684>

Deste amplo conjunto de alterações, nos interessa em particular, refletir sobre as mudanças nas relações entre as juventudes, as escolas e as tecnologias. Ao longo das décadas, cada vez mais, as maneiras pelas quais acessamos o conhecimento foram transformando-se. O mesmo ocorre no campo da produção do saber. No que tange ao processo da educação formal, vemos uma discussão, que se renova a cada ciclo, sobre qual o papel da escola, dos professores e do impresso e de que modo eles podem ou não se relacionar com as tecnologias que surgem e se tornam cada vez mais usadas por crianças e por jovens principalmente.

Nas palavras de Martín-Barbero a escola, os professores, o livro são constantemente deslocados de seu papel tradicional. O eixo letrado da cultura, e o livro, definidor das práticas escolares, estruturador do modelo cognitivo a ela associado, são cada vez mais atravessadas pelas práticas relacionados às novas tecnologias (Martín-Barbero, 2014).

Esse tensionamento não significa que a escola assumiu o uso e as práticas decorrentes da relação dos jovens com estas tecnologias de forma sistemática, como política institucional. Por outro lado, nem por isso os variados aspectos da cultura digital estiveram ausentes do cotidiano escolar. Os diferentes usos e produções da cultura digital circulavam no espaço escolar, explícita ou implicitamente, se misturando de distintos modos às práticas escolares.

Neste texto apresentamos algumas reflexões ligadas a duas pesquisas cuja temática principal foi a relação entre “Juventudes, educação e Tecnologias”, desenvolvidas desde 2019 em uma escola pública de ensino médio técnico do Rio de Janeiro. Estas pesquisas fazem parte de um conjunto de reflexões sobre esta temática desenvolvidas desde 2016, acompanhando a dinâmica desta e de outras escolas da rede federal, incluindo algumas escolas em outros Estados do Brasil<sup>3</sup>.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo de desenvolvimento de nossas pesquisas partimos de alguns pressupostos teórico metodológicos alguns dos quais serão aqui citados.

Em primeiro lugar, começamos com a constatação de que devemos nos posicionar de forma crítica em relação à própria ideia de juventude como categoria genérica, abstrata. Partimos da premissa de que as pesquisas que têm a juventude como parte de sua reflexão precisam estar atentas aos diferentes aspectos que modulam as trajetórias dos jovens – classe, etnia, religião, gênero, entre outros –, superando uma concepção etária de juventude e evitando generalizações

---

<sup>3</sup> Estas pesquisas foram desenvolvidas através de uma parceria entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Além de estudos realizados na cidade do Rio de Janeiro, as pesquisas incluíram escolas de Seropédica e escolas do Alagoas, Maranhão e Paraíba.

indevidas. Neste sentido, a distinção entre condição juvenil e situação juvenil, entre o que é comum e o que é específico, é fundamental (Pais 1993; Dayrell, 1999; Abramo, 2005; Sposito, 2018)<sup>4</sup>.

Em relação ao acesso às tecnologias, esta multiplicidade de situações juvenis deve proporcionar um olhar atento para perceber de que modo se estruturam as diferentes formas de acesso e de uso por parte de distintos grupos de jovens. Do jovem ribeirinho, ao jovem quilombola, passando pelo jovem rural, até o contexto mais urbanizado e, supostamente, com melhor oferta de serviço, há diferentes formas de ser jovem e de usar as tecnologias e, a partir destes usos, produzir sentidos.

Em que pese ainda a grande desigualdade no país que influencia também os usos e as práticas dos diferentes aspectos que constituem a cultura digital, de algum modo os jovens têm tido contato com um universo de informações que circulam nas redes telemáticas. Este contato online, permite acesso às informações e possibilita uma comunicação constante mesmo que os seus interlocutores estejam fisicamente distantes. Uma exacerbação de uma das características da modernidade discutida por Guiddens que se refere à separação entre o tempo e o espaço, o que produz um estímulo das “(...) relações com outros ausentes, localmente distantes de qualquer situação dada de interação face a face” (Guiddens, 1991, p 29).

O desenvolvimento das formas de interação, proporcionados pelos usos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), possibilitou o surgimento de um conjunto de transformações em diferentes aspectos da vida social. O denominado ciberespaço, nos termos propostos por Levy (1999), deu margem a uma importante reflexão sobre estas mudanças relacionadas aos processos educativos.

O surgimento dos smartphones tornou possível o acesso, em tempo real (abstraindo aqui os diferentes limites e falando apenas na potência, na possibilidade de), a uma enorme quantidade de informações e de uma grande capacidade de processamento e do uso de serviços computacionais (computação móvel). Dados da pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação CETIC, apontam que mais de 98% dos jovens das áreas urbanas usam o celular para acessar conteúdos digitais, contra 95% dos jovens das áreas rurais (CETIC, 2022).

A interação dos smartphones com outros artefatos tecnológicos presentes no ambiente, usando as informações coletadas e simulando diferentes possibilidades, a ubiquidade (Santaella, 2013), produz novas modificações sobre o processo de acesso à informação, potencializando o

---

<sup>4</sup> Em um país de extensão continental temos variadas condições de juventude. Neste ponto os estudos sobre a relação das juventudes com as tecnologias podem se beneficiar do contato com os estudos desenvolvidos no campo da sociologia da juventude.

descentramento do saber. Cria-se a possibilidade de acesso à informação a qualquer hora e a qualquer lugar, o que muitos jovens denominam nas suas trocas cotidianas de “dar um Google”, e que também ocorre quando precisam ler as mensagens nos aplicativos de troca de mensagens no celular no meio da rua, enquanto caminham ou assistem a um vídeo ou ouvem suas músicas em meio aos seus deslocamentos pela cidade. É assim que se borram os limites antes tão rígidos entre leitores, expectador e internautas (Canclini, 2008).

Martín-Barbero (2014) nos indica um quadro teórico para pensar estas transformações. Ele acentua a necessidade de se pensar o processo de produção do conhecimento, analisando de que forma ele não se encontra limitado aos muros da escola e às tradicionais figuras de autoridade como o livro ou o professor. Viveríamos em uma cidade educativa, transitando de uma sociedade com um sistema educativo para uma sociedade do conhecimento e da aprendizagem contínua, na qual a dimensão educativa atravessaria todos os espaços:

(...) a educação já não é concebível a partir de um modelo de comunicação escolar que se encontra ultrapassado tanto espacial como temporalmente por processos de formação correspondentes a uma era informacional na qual “a idade para aprender são todas”, e o lugar para estudar pode ser qualquer um (Martín-Barbero, 2014: p.121)

Para o autor, o desenvolvimento de novas formas de acesso à informação redefine o papel dos antigos espaços e figuras de saber. A instituição escolar, um espaço físico determinado, na qual se desenvolvia o processo de ensino-aprendizado, deixa de ser o único local no qual os jovens podem aprender. Surgem outros lugares, que mesmo sem ter materialidade, e, talvez por isso mesmo, estão cada vez mais presentes nas vidas dos jovens. Do lado dos professores também ocorrem mudanças, pois eles exercem seu ofício em meio a uma multiplicidade de outras agentes produtores de conteúdo sobre diferentes temas, alguns dos quais anteriormente restritos ao universo escolar. Muitas destas figuras acabam adquirindo um grande reconhecimento por parte dos jovens, alimentando canais de conteúdo. Entre estes “espaços” fora da escola há uma grande quantidade de sites que oferecem conteúdos que tradicionalmente estão associados às práticas educativas formais, efetivadas na instituição escolar, como os vários canais de conteúdo no Youtube.

A pesquisa TIC Educação (CETIC, 2022) apresenta alguns dados significativos a este respeito. Entre os entrevistados cursando o Ensino Médio, 97% usam a internet para realizar pesquisas que os ajudem nas tarefas escolares e 96% deste grupo usam a internet para fazer pesquisas por curiosidade ou vontade própria.

Estes são alguns dos autores que nos forneceram um quadro mais geral a partir dos quais os dados de nossas pesquisas forma analisados.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As pesquisas que aqui serão citadas neste texto utilizaram metodologias quanti/qualitativas, e se definem como de caráter exploratório e descritivo. Ao longo de sua realização os dados foram coletados por meio de questionário físico, questionário online autopreenchido (*Google Forms*) e, posteriormente, através de grupos focais online. Em todas estas etapas os participantes e/ou seus responsáveis preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e todas as respostas tiveram o anonimato garantido, tendo sido a pesquisa submetida e aprovada pelo Comitê de Ética.

Os participantes da pesquisa eram estudantes de uma escola pública de ensino médio técnico do Rio de Janeiro entre 15 e 22 anos de idade, que foram convidados a participar de forma voluntária da pesquisa após uma explicação sobre os seus objetivos.

A primeira delas, foi um estudo planejado para verificar se os estudantes faziam uso de algum site ou plataforma que disponibilizasse conteúdos educativos, na forma de videoaula. Naquele momento realizamos um levantamento dos sites e plataformas que disponibilizam conteúdos escolares no formato de vídeo aulas acessadas pelos estudantes e analisamos também as características de algumas videoaulas dos sites mais citados pelos alunos.

Nosso corpus de análise foi constituído a partir de um levantamento de dados majoritariamente quantitativo, havendo pouco espaço para as questões que pudessem aprofundar o ponto de vista dos sujeitos da pesquisa. Ao mesmo tempo, nosso campo foi realizado antes do surgimento da COVID 19 que trouxe novas implicações para se pensar a relação entre a escola e as tecnologias de comunicação e educação, no bojo do debate sobre a oferta do ensino não presencial em suas diferentes modalidades e denominações (Leher, 2020; Santos, 2020). Debate orientado por uma agenda neoliberal que associa, entre outros aspectos, precarização do trabalho e mercantilização da educação, no contexto de redução da presença do Estado.

Nesse novo contexto, uma nova pesquisa foi planejada. Seu objetivo principal foi o de perceber, na perspectiva dos estudantes, os efeitos do ensino remoto, na modalidade específica desenvolvida na instituição de ensino que nos serviu de campo de estudo, no cotidiano destes estudantes.

Além de utilizar coleta via formulário no *Google Forms*, foram realizados grupos focais online. Nos grupos focais foram aprofundadas algumas das questões da pesquisa anterior bem como os novos temas relativos especificamente às mudanças ocasionadas pela pandemia. Foram discutidas temáticas tais como a diferença entre o ensino remoto e o ensino presencial, aspectos positivos e negativos da nova realidade de ensino, metodologias de ensino, qualidade da educação, entre outros.

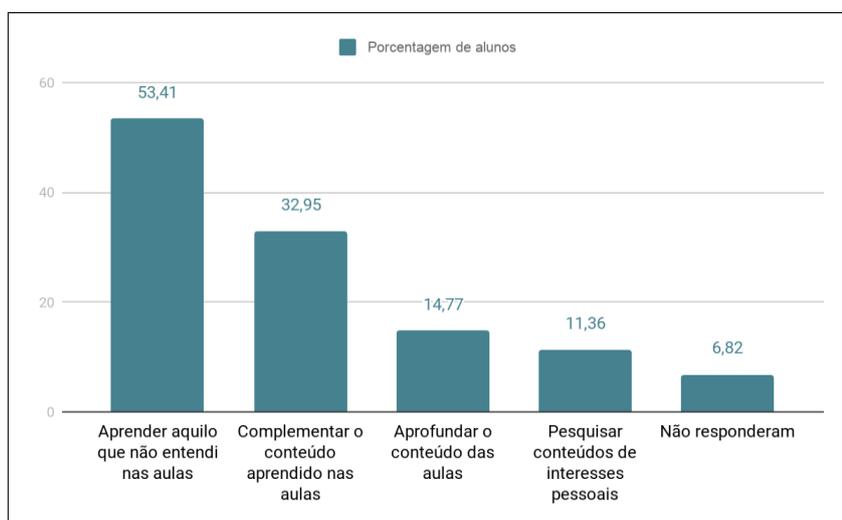
## ACHADOS DAS PESQUISAS

Em nossa primeira pesquisa, estávamos interessados em determinar se os alunos acessavam conteúdos escolares disponibilizados em sites disponíveis na internet e, em caso positivo, quais deles e em quais situações se efetivava este acesso. Esta questão mais genérica fora concebida no interior de um debate sobre os modos de acesso dos jovens aos conteúdos disponibilizados pelos diferentes sites e plataformas online e aplicativos, debate muitas vezes conduzido a partir de proposições de senso comum, sem o amparo em pesquisas que mapeassem os usos efetivos feitos pelos jovens.

Foram enumerados por nossa amostra um total de 37 sites que disponibilizam conteúdos relativos às diferentes disciplinas do currículo escolar. Estes canais de vídeo foram caracterizados em relação às disciplinas oferecidas, total de vídeos produzidos, total de seguidores e visualizações. Também assistimos e analisamos 16 aulas nos oito canais mais citados pelos alunos, realizando uma análise de seus recursos imagéticos, narrativos, sonoros e gráficos.

Foi a partir deste *corpus* que nos foi possível relativizar as proposições de Martín-Barbeiro a respeito do descentramento. Se é verdade que há muitas outras possibilidades de obtenção e acesso ao conhecimento, não é menos verdade que em muitas delas há, mesmo que implicitamente, referências à centralidade da escola (ver gráfico 1), na medida em que estes espaços se configuram reafirmando características do ensino formal, como a condução da videoaula por um professor, o uso do quadro e de slides, separação por disciplinas a resolução de exercícios etc.

Gráfico 1 - Principal motivo para recorrer a sites didáticos e/ou videoaulas na internet



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Ao mesmo tempo, maior parte da busca deste material se dá na relação com as demandas da escola e da educação formal – realizar trabalhos, estudar para prova, buscar entender um conteúdo que não ficou claro nas aulas, estudar para o ENEM, etc.

Estes conteúdos desempenham, assim, uma função complementar à escola. Normalmente estes espaços não proporcionam qualquer tipo de interação uma vez que a maior parte das aulas foi gravada, não disponibilizando canais para o encaminhamento de questões. Daí, se por um lado, os alunos apontam a vantagem de, nas videoaulas, poderem parar o vídeo, repetir, seguir seu próprio ritmo, também apontam a desvantagem de não poder interagir com o professor não apenas para tirar suas dúvidas, mas, pelo simples fato também da convivência, o que é um indício da relevância dos contatos presenciais no processo de ensino-aprendizado.

Foi neste contexto, que ao longo do projeto anterior, já com a proposta de implementação das Atividades Pedagógicas Não Presenciais - APNPs (IFRJ, 2020), no IFRJ, percebemos um conjunto de indicações sobre outro aspecto da centralidade da escola, agora relacionada à importância de seu espaço físico, a partir do qual se desenvolvem um conjunto de práticas e de relações. Ganha relevo aqui a dimensão de relação entre a escola (considerada como instituição fincada em determinado espaço, com determinadas agentes, com relações presenciais que nela se efetivam) e este conteúdo, que circula pelas redes temáticas, que não se dá de modo simples. Por esta razão o contexto das medidas de isolamento social parece tensionar a possibilidade de se pensar em modelos de escolarização que se fundamentem em práticas organizadas apenas de forma virtual e mesmo da pretensa falta de importância da escola como instituição.

Com a realização, nesta segunda etapa da pesquisa, dos grupos focais online aprofundamos as análises de alguns temas relacionados ao uso das plataformas digitais e de sua relação com aulas presenciais. No novo contexto da Covid 19 também aproveitamos este desenho de pesquisa para analisar as modificações geradas na rotina de estudos dos alunos com a implementação das APNPs.

As APNPs marcam a especificidade do contexto de nossa pesquisa. Assim que ficou claro que a crise sanitária se estenderia por um tempo prolongado a instituição iniciou um longo debate sobre de que forma retomaria as suas atividades de modo a garantir o acesso de todos os estudantes. Tal processo demandou quase 7 meses para ser concluído, culminando com a aprovação das APNPs

Entre as bases deste modelo de ensino remoto aprovado, estavam o estabelecimento de um limite de tela, a redução da carga horária das disciplinas com a consequente diminuição dos conteúdos em 50%, a avaliação por tarefa entregue, eliminando-se na prática a possibilidade de reprovação dos estudantes, entre outras medidas (IFRJ, 2020).

As APNPs se estenderam até o ano de 2022. Muitas foram as questões vivenciadas pelos estudantes e professores durante este período. As falas daqueles primeiros tematizavam, entre outros aspectos, as dificuldades de acompanhar as aulas no modelo remoto adotado pela instituição, a mudança na rotina doméstica, a qualidade do ensino ofertado, os medos e ansiedades quando do retorno e as dificuldades de readaptação ao modelo presencial.

Outro conjunto de reflexões originadas nas discussões foi o sentimento de estar órfãos em um momento que a rotina de suas vidas, pautada essencialmente pelas demandas escolares, se alteram de modo significativo.

É possível perceber como a ausência não planejada, abrupta, da escola e de todas as referências que ela proporciona impactou os diferentes aspectos das vidas destes jovens. O conjunto de falas abaixo aborda questões relacionadas a esta dimensão da ausência e de seus efeitos.

“Eu acho que a gente foi ensinado a ter esse cronograma já pensado para prova, já pensados em objetivos curtos que sejam. E agora que a gente não tem isso, né. Uma prova chegando, a gente acaba ficando meio perdido. Tipo, onde eu posso estudar, onde eu posso achar tal informação, e que informação eu quero ter. E aí, você fica meio perdido, né. Sem saber onde procurar, porque a internet tem muita coisa, né. Se você começa a procurar, sem saber onde você quer chegar, onde é seu ponto, fica meio difícil”. (Aluna G – 8º Período).

“É que antes, quando tínhamos a obrigatoriedade de aprender determinado assunto tinha um caminho, né. E agora eu não sei como tem que procurar na internet, tem que caçar um plano de estudo. Quando tinha prova eu sabia que tinha que estudar química ou física, qual matéria de física, quais leis de física. E agora não tem nenhuma direção do que estudar em si”. (Aluno H – 5º Período).

“O que aconteceu quando eu estava estudando Inorgânica, foi assim: eu estudei todos os conteúdos que o professor passou antes da pandemia. E aí depois eu fui estudar as videoaulas, né? Para complementar. Aí depois eu fui estudar as apostilas de inorgânica. E aí, eu entrei num looping, porque eu não sabia mais o que era proveitoso e o que não era. A gente não estava tendo aula. [...] E aí eu estava num looping de consumir conteúdo, mas sem saber o que eu ia aproveitar ou não”. (Aluna D – 4º Período).

Estas e outras falas chamam a atenção para os modos através dos quais a escola confere aos estudantes não apenas uma identidade de estudante, estruturante nas vidas destes jovens, mas um papel social reconhecido juntamente com um conjunto de demandas que operam como elemento estruturador de seu tempo, de suas rotinas, enfim, de suas vidas.

Pensando nas reflexões de Perrenoud (2002) quando fala no “ofício do aluno”, vemos aqui uma questão relativa a identidade social, da definição do ser jovem que é profundamente marcada pela vivência na escola e na relação com todos os aspectos que dela derivam.

Os horários, a circulação pelos diferentes espaços da cidade no trajeto da casa para a escola, as amizades com outros estudantes e professores, a separação entre o espaço da escola e o da casa, entre a vida pública e vida doméstica, privada, a participação nas atividades variadas que

a escola proporciona, curriculares e extracurriculares, todo este conjunto de distinções se apagou de modo repentino.

Como efeito vemos estudantes que não sabem como gerir agora as suas vidas, ou que devem aprender a fazê-lo de modo diferente. Se inicia ou se amplia o trabalho doméstico, se intensificam as questões relativa à saúde mental, alguns devem conseguir um emprego para poder ajudar as famílias, diante dos impactos econômicos trazidos pela pandemia e, neste processo, acabam abandonando a trajetória escolar. Cada vez mais todos devem olhar o seu futuro pelas lentes da incerteza.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trouxemos neste texto algumas reflexões desenvolvidas no interior de duas pesquisas construídas com o intuito de problematizar as relações entre juventude(s), escola(s) e tecnologia(s). Inseridas em um conjunto de outros estudos realizados por nós, estas duas pesquisas partem da premissa metodológica de ouvir os jovens, de verificar os contextos nos quais se efetivam os diferentes aspectos daquela relação.

Na primeira pesquisa, foi possível observar que a busca de plataformas de acesso se efetiva em grande medida associada às demandas da instituição escolar, deixando indicada a dificuldade de pensar de modo simples os efeitos das tecnologias sobre as práticas escolares presenciais.

Ainda que tenhamos de relativizar a desigualdade no acesso dos jovens à internet percebemos que entre os estudantes pesquisados as atividades demandadas pela escola são cada vez mais realizadas na relação com os conteúdos disponibilizados na rede. Mesmo com a possibilidade de que os itinerários de aquisição de conhecimento sejam feitos em diferentes espaços e tempos, parece que em alguns deles a escola ainda faz valer a sua influência, mesmo que indireta.

Na segunda pesquisa esta indicação tornou-se ainda mais explícita. Com a pandemia, as falas acentuaram a relevância da instituição escolar para a vida dos jovens, fazendo referência a um conjunto de desafios relativos ao papel da instituição escolar na contemporaneidade, pensada não apenas do ponto de vista da disponibilização dos conteúdos escolares, de seu aspecto na educação formal, mas como instituição que na organização da identidade juvenil.

Em um contexto no qual a escola em questão se fez ausente da vida destes jovens por quase sete meses e que, posteriormente, ofertou um ensino que para sua efetivação exigia um acesso realizado a partir dos espaços domésticos, borrando os limites entre tempos e espaços, estes jovens sentiram grande dificuldade na construção de suas identidades juvenis.

Para o bem ou para o mal fica assim assinalada a importância da escola, das práticas presenciais e nos efeitos que dela derivam para a construção de tal identidade. Não é apenas pensar na escola como espaço de socialização, de encontro e de amizades, mas, sim do espaço escolar e das práticas que dela irradiam como elemento estruturador da subjetividade dos jovens.

Salientar que embora neste texto sejam abordadas duas pesquisas realizadas antes e durante a pandemia, na sequência desta última estabelecemos algumas novas questões que hoje são objeto de estudo.

No momento desenvolvemos uma pesquisa cujo foco é o retorno ao ensino presencial onde já é possível perceber a partir das falas dos jovens outros efeitos deste tempo de ausência material da escola sobre a sua trajetória de curto e de longo prazo. No curto prazo as dificuldades de retomar o ensino nos padrões ofertados antes da pandemia, marcados por um “ensino forte”, que geraram medo, ansiedade, frustração etc. A longo prazo, reavaliando a reformulação de seus projetos de vida, articulados a partir de um ensino que os capacitaria para os desafios futuros.

Concluimos reforçando a necessidade de realização de desenhos de pesquisa micro, que possibilitem o acesso às práticas dos jovens e às suas falas. Em que pese a importância de estudos amplos, sempre necessários, pesquisas realizadas com uma amostra mais restrita, com o uso de metodologias qualitativas contribuem para perceber a diversidade das trajetórias escolares, a diversidade dos contextos escolares e a heterogeneidade dos jovens.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. *Condição Juvenil no Brasil contemporâneo*. In Abramo, helena; Branco, Pedros (Orgs.) **Retratos da Juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

CANCLINI, Nestor.G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTELLS. Manuel. **A galáxia Internet**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CETIC. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras** - TIC Educação, 2022. Disponível em <https://www.cetic.br/pt/tics/educacao/2022/alunos/B5/>. Acesso em 29 ago. 2024.

DAYRELL, Juarez. Juventude, Grupos de Estilo e Identidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, dez. 1999. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n30/n30a04.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2022.

GUIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

IFRJ. Resolução nº. 22 de 13 de OUTUBRO DE 2020. Diretrizes para o Desenvolvimento de Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs) no Âmbito dos Cursos de Ensino Técnico de Nível Médio e de Formação Inicial e Continuada (FIC). In: [https://portal.ifrj.edu.br/sites/default/files/IFRJ/ConSup/Resolucoes2020/arquivo\\_completo\\_-\\_resolucao\\_no\\_22.2020\\_aprovar\\_diretrizes\\_para\\_o\\_desenvolvimento\\_de\\_atividades\\_pedagogicas\\_nao\\_presenciais\\_apnps\\_no\\_ambito\\_dos\\_cursos\\_de\\_ensino\\_tecnico\\_e\\_fic.pdf](https://portal.ifrj.edu.br/sites/default/files/IFRJ/ConSup/Resolucoes2020/arquivo_completo_-_resolucao_no_22.2020_aprovar_diretrizes_para_o_desenvolvimento_de_atividades_pedagogicas_nao_presenciais_apnps_no_ambito_dos_cursos_de_ensino_tecnico_e_fic.pdf). Acesso em: 29 mai. 2021.

LEHER, Roberto. Universidades públicas, aulas remotas e os desafios da ameaça neofascista no Brasil: Notas para ações táticas emergenciais. **Carta Capital**. São Paulo. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Educacao/Universidades-publicas-aulas-remotas-e-os-desafios-da-ameaca-neofascista-no-Brasil/54/47699>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MARTIN-BABERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

PAIS, Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Ed. Porto. 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Papirus, 2013.

SANTOS, Edméia. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho... **Revista Docência e Cultura** (ReDoC), Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 15 de jun. 2020.

SPOSITO, Maria Pontes, SOUZA, Raquel, & SILVA, Fernanda Arantes e. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, v. 44, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/143527>. Acesso em: 09 jun. 2022.